

Verga, machado e as “malformações nacionais”

Yuri Brunello¹¹³

Simone Lopes de Almeida Nunes¹¹⁴

Universidade Federal do Ceará

Partiremos de uma premissa: diversamente dos pesquisadores deste livro, não somos especialistas em Machado de Assis. A nossa contribuição, portanto, terá como objeto a avaliação do *verista* italiano Giovanni Verga (1840, Vizzini; 1922, Catânia) na perspectiva crítica comparatista realizada por Franco Moretti no livro *The Bourgeois: Between History and Literature*, publicado em 2013, pela editora Verso, de Londres, e traduzido no Brasil, em 2014, com o título de *O burguês*, pela editora Três Estrelas. Moretti realiza uma comparação entre Verga e Machado, interessante, sobretudo, em razão dos pressupostos teóricos de tal aproximação aparentemente tão inusitada. A partir de quais condições tal comparação é possível?

As analogias de Machado com a literatura italiana reduziram-se, até então, a paralelos com Pirandello, mas jamais com um naturalista à italiana como Verga. Veremos, mais adiante, que a justificativa encontra-se dentro da ótica da *world lite-*

113 Doutor em Letras pela Università La Sapienza di Roma.

114 Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal do Ceará.

ature, campo de pesquisa que tornou Moretti conhecido no Brasil desde 2001, quando Emir Sader publicou, no volume *Contra corrente*, o ensaio de Moretti: “Conjecturas sobre a literatura mundial”.

A trajetória dos *world literature studies* e a trajetória da produção de Moretti estão fortemente entrelaçadas. Moretti formou-se na Universidade de Roma, em 1972. De 1979 até 1983, lecionou Literatura Inglesa em Salerno; e de 1983 até 1990, lecionou Literatura Comparada, em Verona. A partir de 1990, começou a dar aula, como comparatista, nos Estados Unidos. Primeiro, em Nova York, na Columbia University e, depois, a partir do ano 2000, em Stanford, na Califórnia. O seu primeiro livro foi *Letteratura e ideologie negli anni Trenta inglesi* (1976); na década de oitenta publicou quatro importantes estudos: *Signs Taken for Wonders: Essays in the Sociology of Literary Forms* (1983), a coletânea de ensaios *L'anima e l'aripa* (1986), *Il romanzo di formazione* (1986), *Signos e estilo do moderno* (1987), até chegar aos dois grandes textos da década de 90, ou seja, *Opere mondo. Saggio sulla forma epica dal Faust a Cent'anni di solitudine* (1994) e *Atlas do romance europeu 1800-1900* (1997). Os estudos que ele produziu no novo milênio seguem duas diretrizes: de um lado, a organização dos cinco volumes do projeto coletivo *A cultura do romance*; e do outro, trabalhos como *A literatura vista de longe* (2005), *Graphs, maps, trees: abstract models for a literary history* (2005), e o recente *O burguês. Entre história e literatura*, de 2013.

Para tentar esclarecer a natureza da leitura que Moretti faz de Machado, partiremos de uma declaração retirada de uma entrevista que a *Folha de São Paulo* realizou com Moretti, em setembro de 2014, por ocasião do lançamento de *O burguês*: “as grandes figuras burguesas que emergem dos romances italianos, poloneses, espanhóis e russos estão mais próximas

dos personagens de Machado, do que dos de Goethe ou de Balzac”. O romance italiano ao qual Moretti faz referência, como iremos ver mais adiante, é uma obra de Giovanni Verga. Isso não pode deixar de chamar a atenção de um pesquisador de literatura italiana, já que a comparação entre as literaturas europeias e as literaturas não-europeias desenvolvidas dentro dessa perspectiva (não centro/periferia, mas periferia/periferia) são ainda pouco frequentes nos estudos de italianística. Verga é um verista, ou seja, um “naturalista” anômalo e regional e seria, portanto, mais oportuno o paralelismo com *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

O ponto de partida para a afirmação supracitada, porém, são os estudos de Schwarz sobre Machado de Assis, que Moretti sempre elogiou, ao ponto de hospedar um ensaio de Schwarz sobre as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, traduzido para o italiano, no último volume de *Il romanzo. Lezioni* (2003), organizado pelo próprio Moretti. No entanto, a posição à qual Moretti chega é diversa das posições de Schwarz: se Schwarz usa uma abordagem global, como a teoria da dependência, para entender a literatura brasileira, Moretti utiliza as literaturas periféricas para compreender um fenômeno global como a *world literature*, área de estudos voltada à pesquisa da literatura dentro do contexto transnacional, assim como das fronteiras e dos “fluxos do capital cultural”, para citar o título de um livro fundamental para a fundação, no ano de 1997, dos *world literature studies*, organizado por Gumbrecht e Palumbo-Liu, que em inglês intitula-se *Streams of cultural capital*.

Para uma melhor compreensão, é importante conhecer Schwarz e a teoria da dependência. Teóricos da dependência, como Teotônio dos Santos e Rui Mauro Marini, traduzem, num nível geográfico, a articulação entre dominantes e dominados. Na primeira categoria, estão inclusos os países

centrais: Inglaterra, França, Estados Unidos; na segunda, os países periféricos: Brasil, Argentina, entre outros. A subalteridade da periferia – segundo o marxismo ortodoxo – teria as suas raízes no subdesenvolvimento econômico: o que era preciso fazer, portanto, era desenvolver as forças produtivas, para chegar a uma fase do capitalismo maduro. Os teóricos da dependência argumentam, contrariamente, que é preciso sair do capitalismo através de uma ruptura, sendo que a causa do atraso econômico é o próprio centro: é o centro que permanece centro, explorando, economicamente, a periferia; deixando-a, por conseguinte, atrasada. Aqui aparece, na engrenagem teórica schwarziana, Adorno e a dialética frankfurtiana sem síntese. A dialética é exaltada na sua força de negação. Em *Um mestre na periferia do capitalismo*, Schwarz (2000, p. 10) afirma:

No que diz respeito à interpretação social, o raciocínio depende de argumentos desenvolvidos na Universidade de São Paulo pela geração de meus professores, em especial um grupo que se reunia para estudar *O capital* com vistas à compreensão do Brasil. O grupo chegara à audaciosa conclusão de que as marcas clássicas do atraso brasileiro não deviam ser consideradas como arcaísmo residual, e sim como parte integrante da reprodução da sociedade moderna, ou seja, como indicativo de uma forma perversa de progresso.

A modernidade é uma perversão e, como escreveu, a propósito de Verga, Alberto Asor Rosa, um crítico italiano contemporâneo de Schwarz – ele também adorniano – o que resta a fazer é destruir: “A recusa de uma ideologia progressista constitui a razão – e não o limite – do sucesso de Verga” (1965, p. 77).

Moretti não abraça tal visão economicista; dessa forma, recorre a Immanuel Wallerstein, que o leva a sair, nas práticas das suas análises culturais e literárias, do paradigma da teoria da dependência, estendendo o sintagma periferia/centro à história e às relações culturais cíclicas espaciais de ascensão-declínioda hegemonia global. Eis porque Moretti tenta interpretar a prosa

moderna europeia com as categorias, também geográficas, da *world-system theory*. Moretti, todavia, toma muito cuidado em um ponto específico: evita realizar este tipo de operação dentro dos moldes dialéticos, evita as armadilhas filosóficas hegelianas. Nesse ponto, a diferença com o adorniano Schwarz é grande, tanto que a história da forma romance, a primeira forma global (por isso Moretti chama os romances modernos de “obras-mundos” na sua obra-prima de 1997), mais do que ser uma história qualitativa – de substâncias, de essências, de teses, de antíteses, de sínteses – é, principalmente, uma história quantitativa, composta por dados, gráficos, mapas. Mais do que historicizar, o que é preciso é cartografar. Por isso, Moretti não publicou uma história do romance europeu, e sim, um *Atlas do romance europeu*. O materialismo imanentista e empirista de Moretti é tão profundo que o crítico italiano chega a teorizar e praticar um *distant reading*, uma visão de “longa duração”, com o epicentro na articulação geográfica, ou seja, sem traçar o perfil de uma “história” literária, mas, sim, utilizando o que ele chama de “ecossistema” literário, de literatura vista de longe. No lugar de Hegel, em suma, encontramos Darwin.

Voltemos para a afirmação de Moretti que mais nos interessa: “as grandes figuras burguesas que emergem dos romances italianos, poloneses, espanhóis e russos estão mais próximas dos personagens de Machado do que dos de Goethe ou de Balzac”. A primeira pergunta que surge é: quais são os burgueses, brasileiros e italianos, aos quais Moretti se refere? Para termos uma resposta, precisamos voltar o olhar para *O burguês*. No livro, encontra-se um subcapítulo intitulado *Balzac, Machado e o dinheiro*. As personagens de Machado que Moretti evoca são: Brás Cubas, das *Memórias póstumas*, e Bentinho, de *Dom Casmurro*. Brás Cubas é o expoente da elite carioca, ao passo que Dom Casmurro é um advogado,

de boa condição econômica. O personagem italiano é Mastro Don Gesualdo (Mestre Dom Gesualdo), protagonista do romance homônimo de Verga, que foi publicado poucos meses antes de *Dom Casmurro*. Gesualdo também é um burguês, mas um burguês *parvenu*, Dom é uma designação nobre; um ex-pedreiro, que na Itália tem como apelido mestre, mestre de obra, que se tornou rico através da força de trabalho, conjugada com investimentos acertados. Um pedreiro que se torna burguês e que – se não fosse católico – mereceria estar entre as exemplificações práticas do weberiano *A ética protestante e o espírito do capitalismo*; contudo, estamos falando de um burguês “fora do lugar”, na Sicília ainda feudal e camponesa.

Trata-se de uma condição semelhante à dos protagonistas machadianos. E Moretti a cartografa. Nos romances de Machado, observa Moretti, o enredo “se desmembra em uma infinidade de minicapítulos – 160 em *Brás Cubas*, 148 em *Dom Casmurro* e 201 em *Quincas Borba* –, nos quais, em uma ou duas páginas, um tema é evocado, desenvolvido, exagerado e largado”. Outra observação “quantitativa” de Moretti: na versão inglesa, o capítulo XXXI de *Memórias póstumas* tem “oitocentas palavras; o do almocreve, novecentas, o da morte de Manduca, de *Dom Casmurro*, setecentas”.

Ao passo que Verga intitula um subcapítulo como *Roba*, vocábulo do registro popular que indica, vulgarmente, os objetos possuídos:

No leilão anual das terras públicas da cidade: ‘três onças e meia!... Dou-lhe uma!... Dou-lhe duas!...’ ‘Quatro onças!’, replicou dom Gesualdo, impassível. Os notáveis berram, gesticulam, ameaçam, xingam; Gesualdo se mantém sentado, calado, respeitoso, ‘continuando a fazer tranquilamente suas contas na caderneta que mantinha aberta sobre os joelhos. Em seguida, ergueu a cabeça e rebateu com voz calma’ (p. 156).

Adiantemos a conclusão do capítulo: “Quando Gesualdo morre a sua *roba* é embolsada pelo seu ‘gentilíssimo’ genro, o duque de Leyra, as águas do antigo regime parecem se fechar para sempre sobre o *tipo borghese* de Verga”. Para compreender a importância desses cruzamentos de números e a referência ao *Ancien Regime*, é preciso voltar a Balzac, Machado e o dinheiro e examinar Balzac. O Balzac, do qual se fala em *O burguês*, é o das *Ilusões perdidas*. Em *Ilusões perdidas*, Lucien de Rubempré entrega o primeiro volume dele para Doguereau, esperando por uma publicação. Doguereau estava decidido

a prender Lucien por um contrato para várias obras. Ao ver o hotel, a velha raposa voltou atrás: “um rapaz instalado aqui tem gostos modestos, ama o estudo, o trabalho; posso lhe dar apenas oitocentos francos”. A hoteleira, a quem perguntou pelo sr. Lucien de Rubempré, lhe respondeu: — Quarto andar! O livreiro levantou o nariz e viu apenas céu acima do quarto andar. “Esse jovem”, pensou, “é rapaz bonito, é mesmo muito bonito; se ganhasse dinheiro demais, se dissiparia, não trabalharia mais. Em nosso interesse comum, vou lhe oferecer seiscentos francos; mas em prata, e não em cédulas (p. 236).

Moretti nos lembra que Doguereau acaba pagando 400 francos e associa esse trecho balzaquiano a um outro episódio, no qual uma personagem remunera alguém com o menor valor possível: em *Dom Casmurro*, quando seu primeiro filho morre, a mãe de Bentinho jura que, se seu próximo filho sobreviver, vai se tornar padre. O menino nasce, vinga e agora ela precisa “pagar a dívida”, mas já sem vontade alguma. Depois de muitas elucubrações, um amigo de família acha a solução perfeita: ela vai dar um filho à igreja, só que não será Bentinho. Moretti conclui: “os preconceitos religiosos amalgamados com os estratagemas monetários. Estamos nos deslocando para as margens do sistema mundial moderno, e esse estranho enlace entre a velha metafísica e o novo nexos pelo dinheiro é sinal das ‘malformações nacionais’”, sobre as quais Schwarz escreveu.

“Malformação nacional” é também a Sicília de Mastro dom Gesualdo, cuja morte vê voltar o dinheiro acumulado para a burguesia para o *Ancien Régime* (o genro nobre do Mestre Dom). Prestes a morrer, Gesualdo deseja que “a sua *roba* se fosse com ele, desalentada como ele”. Comparando o final do conto de Verga e o final das *Memórias póstumas*, podemos concluir retornando às diferenças entre o método darwiniano-cartográfico de Moretti e o método histórico-dialético de Schwarz.

Contudo, vale recordar, antes, a conclusão de *Memórias póstumas* (p. 307):

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas cousas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e, conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: -- Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

A negação de Brás Cubas, para Schwarz, funciona como uma dissonância na dinâmica adorniana da dialética sem síntese, “negativa”. A função Machado é a função Schomberg, na *Filosofia da nova música*: as malformações nacionais-coloniais são responsáveis pela irredutibilidade de Brás Cubas à absorção *na* ordem burguesa e *da* ordem burguesa (fora do lugar) na ordem feudal escravocrata brasileira.

Com Moretti, estamos no lado oposto, mesmo estando na mesma malformação-deformação periférica de Paris ou Londres, a da Sicília. As “negativas” ganham os caracteres de uma operação matemática: temos duas negações, ou seja, o

mestre que nega o dom e o dom, o genro herdeiro, que nega o mestre, mas em matemática menos e menos dá mais e nada é dissonante. Na leitura morettiana das malformações nacionais, na leitura das negações machadianas e verghianas apresentada em *O burguês*, ao contrário, temos o ressoar de uma afirmação: a nítida e consequencial parábola cíclico-evolutiva entre o declínio da burguesia e – redonda como redondo é um ciclo – a ascensão do capitalismo anti-humanista.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Filosofia da nova música*. Tradução de Magda França. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ASOR ROSA, Alberto. *Scrittori e popolo*. Roma: Samonà e Savelli, 1965.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

BALZAC, Honoré de. *Ilusões perdidas*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Penguin/Companhia, 2011.

MOLINA, Sidney. “Crítico italiano Franco Moretti narra história da cultura burguesa”. Folha de São Paulo, 20.09.2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/09/1518754-critico-italiano-franco-moretti-narra-historia-da-cultura-burguesa.shtml>. Acesso em 15.04.2015.

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu. 1800-1900*. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. (a cura di). *Il romanzo. Lezioni*. Torino: Einaudi, 2003.

_____. *O burguês*. Entre a história e a literatura. São Paulo: Três estrelas, 2014.

_____. “Conjecturas sobre a literatura mundial”. In: SADER, Emir (org.). *Contracorrente: o melhor da New Left Review em 2000*. Rio de Janeiro: Record, 2001. pp. 65-76.

PALUMBO-LIU, David; GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Streams of cultural capital*. Stanford: Stanford University Press, 1998.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. Machado de Assis. São Paulo: Duas cidades, 2000.

VERGA, Giovanni. *Mastro-don Gesualdo*. Milano: Mondadori, 1973. Disponível em: http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_9/t351.pdf